



Métodos de Elaboração da Crônica “Antigo Sonho Dourado”¹

Pery NEGREIROS²

Antônio SIMÕES³

Universidade de Fortaleza - Unifor, Fortaleza, CE

APRESENTAÇÃO

A crônica “Antigo sonho dourado”, que será descrita a seguir, foi desenvolvida dentro da disciplina Projeto Experimental em Jornalismo Impresso para o jornal-laboratorial intitulado Sobpressão (edição nº 14). A composição foi motivada no fato jornalístico da confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo de futebol no ano de 2014. A paixão pelo futebol em contraste com os interesses meramente políticos e econômicos inevitavelmente inseridos no contexto da organização de um evento de tal envergadura é o ponto de partida para o desenvolvimento do texto, que se baseia em uma narrativa em primeira pessoa, sendo um relato de vida do autor, que, evidentemente, possui largo interesse pelo tema. A crônica trata essencialmente da passagem na vida de uma pessoa em que a mesma abandona o encantamento proporcionado pela inocência infanto-juvenil e passa a ver o mundo com um olhar mais pragmático, embora não deixando seus sonhos completamente de lado, algo que costuma acontecer a boa parte das pessoas, especialmente àquelas que se permitem sonhar.

2 OBJETIVOS

O presente trabalho se propõe a explicar em detalhes como foi elaborada a crônica inscrita para a Expocom 2008, na categoria jornalismo, modalidade jornalismo opinativo. Primeiramente, tentaremos justificar a fundamentação do que vem a ser uma crônica e sua importância para o contexto do fazer jornalístico. A seguir, ficarão em evidência técnicas utilizadas na construção do texto que defendemos bem como os métodos pedagógicos adotados na disciplina na qual foi inserida a atividade. Todo o trabalho será baseado em abordagens de alguns autores, como José Marques de Melo e Jorge de Sá, que trabalham os fundamentos do jornalismo opinativo, tendo como recorte o gênero crônica.

¹ Trabalho submetido ao XIV Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade produto Impresso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unifor, email: perynvs@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unifor, email: simoes@unifor.br.



3 JUSTIFICATIVA

A maneira de escrever em crônica começou a tomar, no Brasil, forma com a carta em que Pero Vaz de Caminha descreve o novo mundo descoberto a D. Manuel, no Século XVI, sendo esse formato considerado por muitos um “embrião da reportagem”, como ressalta José Marques de Melo.

Mais recentemente, esse gênero passou a ser adotado com frequência no meio jornalístico brasileiro, passando a ser utilizado, de acordo com Melo, como um “relato poético do real”, ou seja, seria um modo de informar e de aprofundar o leitor em um determinado assunto do dia-a-dia com textos esteticamente mais elaborados. “Para qualquer brasileiro a palavra crônica tem sentido claro e inequívoco, embora ainda não dicionarizado; designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista” (MELO p.148).

Descrição semelhante é feita por Jorge de Sá, quando afirma que a “crônica é, pois, uma narrativa curta por excelência, uma ‘conversa fiada’, como dizia Vinicius de Moraes, mas que recebe um tratamento literário, mesmo que não seja considerado ficcional” (SÁ, p.28, 1985).

São catalogados vários formatos de narrativa nos diversos tipos de crônica existentes, que vão desde a poesia até o humor mais ácido. Mas, assim como incide a qualquer indivíduo que se atreve a escrever uma história – seja ele um romancista, contista, ou escritor de novelas –, o cronista inevitavelmente deposita em seu texto um pouco (ou muito) de sua vida pessoal, de suas memórias. De acordo com Jorge de Sá, o cronista se apropria da sua própria história individual para criar narrativas como se representasse um ser ou um olhar coletivo: “recompor a própria história individual é um jeito de o cronista nos ensinar a compor a nossa história na condição de pessoas ligadas a tantas e tantas heranças culturais” (SÁ, p. 15, 1985).

Alguns cronistas consagrados, como Paulo Mendes Campos, acomodam em seus relatos do cotidiano universal, traços marcantes de sua infância, juventude ou de pessoas queridas que se foram, das quais herdaram ensinamentos e até traços de personalidade. E nessas histórias o leitor se acostuma a enxergar sua própria biografia, tal a habilidade que alguns cronistas conseguem desenvolver com o passar dos anos, de decompor sua experiência pessoal em uma linguagem coletiva.

Essa habilidade do cronista se revela com veemência na descrição sucinta de um personagem, que bem poderia ser qualquer um de nós, pois ele é desenhado com



uma incrível verossimilhança, como ocorre com um menino de 15 anos, descrito em crônica de Paulo Mendes Campos:

“Paulo Mendes Campos inicia a crônica ‘Achando o amor’ apresentando traços característicos, tais como idade, número do sapato (o rapaz já calça 42), tipo de cabelo, enfim, dados concretos que levam o leitor a desenhar fisicamente o personagem. À medida que avançamos na leitura, o dados afetivos vão surgindo. Agora, o importante é que o rapaz se sacrifica para juntar dinheiro e, assim, poder comprar talvez um curió. De repente, surge a imagem mais forte: ‘o triste é que o passarinho morre’” (SÁ, p.52, 1985)

O modelo de crônica exemplificado acima possui um forte apelo emocional, pois transforma um animal de estimação em objeto de uma delicada reflexão, baseada no significado daquele momento da vida do garoto para seu desenvolvimento emocional e afetivo. Entrementes, o leitor se coloca no lugar da personagem, recordando um momento similar de sua vida, abrindo espaço, por exemplo, para divagações acerca das transformações dos costumes e valores da sociedade através dos tempos. “A crônica, nesse contexto, se revela como um respiradouro, como fonte de ar puro que limpa os nossos pulmões, gostoso bosque no meio do caos urbano” (SÁ, p. 54, 1985).

A crônica não possui apenas a função de suscitar reflexões, mas também de provocar reações. “A função da crônica é explodir, é não deixar a peteca cair, é acordar as pessoas que estão dormindo de olho aberto, e gritar” (DIAFÉRIA *apud* MELO, 2003, p. 162).

É carregada dessa qualidade, de conscientização e de compromisso em alertar para o bem do público, inerente aos princípios jornalísticos, que a crônica moderna, vem ocupar seu lugar devido nas páginas de jornal. Embora para muitos ainda permaneça a pecha de ser um material de natureza frívola, este gênero do jornalismo opinativo coloca-se, lado a lado, com a notícia de cada dia, conforme atesta José Marques de Melo:

“A crônica moderna gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística. Ainda que o cronista mantenha, como diz Antônio Cândido, ‘uma conversa aparentemente fiada’ em torno de questões secundárias, não vinculadas ao espectro noticioso, isso constitui um momento de pausa, que reflete a trégua necessária à vida social” (MELO, p. 155, 2003).



A partir desse conceito da crônica que, de acordo com Melo, está dotada das três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva, é que foi construída a crônica “Antigo sonho dourado”. Um texto que se estruturou a partir de um fato jornalístico de grande importância para a conjuntura nacional no ano de 2007: a homologação do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol em 2014. A partir desse acontecimento, dois fatores primordiais provocaram o interesse em escrever a referida crônica. O primeiro deles se baseou na oportunidade que o autor teve de apurar e redigir uma matéria que trata do assunto com o enfoque na candidatura de Fortaleza para ser sub-sede do evento. O outro, diz respeito especificamente à paixão e interesse que sempre desperta o tema futebol, não apenas no autor, mas em milhões de brasileiros.

Portanto, unindo a atualidade do assunto à relação afetiva mantida com o referido esporte, surgiu a pretensão de escrever o texto cujos métodos e técnicas utilizados em sua composição serão descritos a seguir.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Antes de descrever os métodos e técnicas utilizados na atividade, façamos uma breve descrição da metodologia adotada na disciplina curricular Projeto Experimental em Jornalismo Impresso, que é uma das últimas – obrigatórias – a serem cumpridas dentro do fluxograma do Curso de Jornalismo da Unifor. Ela está subdividida em três núcleos, sendo que cada aluno opta, no ato da matrícula, por um deles: Radiojornalismo, Telejornalismo e Jornalismo Impresso.

O produto que ora defendemos na Expocom, a crônica “Antigo sonho dourado”, foi escrito dentro das atividades da disciplina Projeto Experimental em Jornalismo Impresso, ministrada pelos professores Antônio Simões – encarregado do conteúdo referente à redação jornalística – e Eduardo Freire – responsável pelo conteúdo que aborda o planejamento gráfico dos jornais impressos –, no segundo semestre do ano de 2007.

Ao final de cada trimestre, os alunos são conduzidos a participar do projeto experimental vinculado às atividades da disciplina, que toma forma no jornal intitulado Sobpressão. Os graduandos (individualmente ou em dupla) pautam, apuram, escrevem e editam reportagens que serão veiculadas no jornal-laboratório.



A atividade de compor uma crônica jornalística foi proposta pelo professor Antônio Simões, em sala de aula, e se constituiu a partir da necessidade de reforçar a importância do gênero para os alunos. O professor da disciplina havia atentado para o fato de que, durante os anos em que permanecem na graduação, em poucas ocasiões os alunos têm a oportunidade de escrever uma crônica em sala de aula. Como o Sobpressão oferece um espaço para a publicação de crônicas de estudantes do Curso, criou-se a oportunidade para que os alunos pudessem trabalhar esse gênero. Feitas as peças, o professor escolheria, dentre as entregues, qual a mais adequada para posterior veiculação no jornal. Juntamente com a crônica, os alunos também realizaram, na mesma aula, a elaboração de um texto para o editorial da mesma publicação.

O texto da crônica foi elaborado a partir das memórias da infância e adolescência do autor e, a partir delas, foi traçado um paralelo entre duas formas de observar o mundo. Um olhar se concentra apenas no que é belo, se habitua apenas a sentimentos puros. Esse é o olhar inocente, desprovido de pensamentos amargos e que não se importa com fatores alheios ao objeto de sua paixão. Já o outro se depara com a realidade, e se estabelece a partir do momento em que surge a necessidade de lidar com a ordem prática dos acontecimentos.

Em uma passagem da vida do autor, que se constitui em personagem da crônica, a Copa do Mundo era um sonho, algo aguardado com larga expectativa no intervalo de quatro anos que separa uma edição de sua seguinte. Nesse sonho, tudo é perfeito, e não há vilania, interesses escusos, tampouco pessoas que não desejem simplesmente o sucesso de um belo festival de futebol. Quando acorda do sonho, ele se dá conta de que ficou apenas o saudosismo pelo que outrora fora um espetáculo imaculável do esporte – pelo menos na mente pueril de um garoto. Hoje, a Copa do Mundo seria exclusivamente um mega-evento, de repercussão mundial, coordenado por pessoas que não possuem nada daquela visão ingênua que ele tinha. Importa, sim, para essas pessoas, que a Copa movimente muito dinheiro e traga diversos dividendos de ordem política e econômica para quem com ela se envolva. Isso tudo enquanto outras crianças, como ele próprio fora um dia, apenas sonham com gols e belas jogadas antes do apito final do juiz. Desta feita, o autor tenta explorar, como observa Jorge de Sá, “o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar, com emoção semelhante à do repórter, aquilo que está sendo narrado”, (SÁ, p. 33, 1985).

A crônica “Antigo sonho dourado”, embora escrita de forma leve e descontraída, e em primeira pessoa, tenta chamar a atenção para a necessidade, por parte



da imprensa e da sociedade como um todo, de fiscalizar a organização do evento (Copa de 2014), para que não haja má utilização de verbas e bens de ordem pública, como orçamentos inadequados, ou desperdício de recursos em obras desnecessárias. Tal característica parece estar em consonância com a visão de José Marques de Melo sobre o gênero: “o cronista que sabe atuar como consciência poética da atualidade é aquele que mantém vivo o interesse do seu público e converte a crônica em algo desejado pelos leitores. Atua como mediador literário entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva” (MELO, p. 156, 2003).

Após narrar como acorda do sonho para a realidade, o autor, ao final do texto, deixa transparecer uma certa dose de otimismo, que se revela em um apelo pela volta da Copa dos sonhos de quem ama o futebol, e antes de tudo o futebol.



REFERÊNCIAS

MELO, José. M. de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ed. Ática, 1985.